

A hora presente: *O Adiantado da Hora* permanece atual há mais de 20 anos

EUGÊNIO BUCCI¹

Um livro que dá conta, à frente de seu tempo, das complexas engrenagens pelas quais a cultura jornalística norte-americana fez girar as rotativas dos jornais brasileiros. E mais ainda.

7.1 SILVA

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **O Adiantado da Hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

Resultado de um trabalho de pesquisa desenvolvido durante dez meses – entre setembro de 1987 e junho de 1988 –, no *Woodrow Wilson International Center for Scholars*, em Washington, *O Adiantado da Hora* apresenta uma abrangente e fina radiografia de um processo histórico tecido tanto de grandes movimentos (como os movimentos estruturais do capitalismo) como de minúcias e sutilezas (como o modo de escrever a notícia, ou as escolas de diagramação) através do qual os conceitos, os modos de proceder da reportagem, os estilos, a ética e até mesmo as concepções de negócio da

-
1. Jornalista, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e diretor do curso de pós-graduação em Jornalismo com Ênfase em Direção Editorial da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Dirigiu e editou revistas mensais e foi secretário editorial da Editora Abril. Presidiu a Radiobrás entre 2003 e 2007. É membro do Conselho da Cidade de São Paulo e escreve quinzenalmente na revista *Época* e no jornal *O Estado de S. Paulo*.

imprensa americana exerceram forte influência nas redações brasileiras. Ainda hoje, podemos afirmar que o livro é essencial. A não ser por passagens datadas – como as pesquisas que medem a confiabilidade dos jornalistas, já ultrapassadas pelas novas enquetes que as sucederam, ou relatos que tratam de diários que já desapareceram –, os ensaios que compõem o volume conservam seu interesse intacto para jornalistas e estudiosos da imprensa.

Carlos Eduardo Lins da Silva recupera a gênese da cultura jornalística norte-americana e, graças a essa recuperação sistemática, com método e alta competência analítica, localiza as pontes, os pontos de contato, entre essa cultura e o Brasil. Ele realiza essa empreitada teórica, para qual as habilidades do repórter e do editor em muito contribuíram, com alta precisão. Por esse motivo, *O Adiantado da Hora* mantém sua pertinência histórica inalterada, mesmo se, em uma ou outra página, o texto já não possa mais ser lido como um diagnóstico atualizado. Não apenas isso: a maior parte das análises, em que pesem as intensas transformações impostas pela tecnologia e pela concentração de mercado (que ganhou mais intensidade tanto nos Estados Unidos como no Brasil), ainda é atual. Mais como um documento que recupera a história da imprensa, mas também por suas análises do presente, estamos tratando de um livro obrigatório.

Carlos Eduardo não escreveu um mero relatório de pesquisa. Ele soube descrever a lógica de aproximação entre a imprensa dos dois países – uma aproximação unilateral é bem verdade – pois a influência, nesse caso, deu-se inevitavelmente na direção dos Estados Unidos sobre o Brasil, e nunca no sentido contrário. Beneficiou-se de leituras de bons historiadores da imprensa, como Michael Schudson, hoje professor da *Columbia School of Journalism*. Recentemente, aliás, Schudson, em parceria com Leonard Downey, Jr, publicou um *paper* sobre a crise que, em 2008, devastou os jornais locais norte-americanos, *The Reconstruction of American Journalism*, editado pela *Columbia Journalism School* em 2009. Trata-se de um documento de enorme impacto entre os estudiosos, que também recupera a gênese histórica do jornalismo local nos Estados Unidos. É gratificante observar como subsiste uma forte conexão entre a pesquisa que Carlos Eduardo realizou ainda nos anos 80 e as linhas gerais dos estudos sobre jornalismo que, ainda hoje, ou sobretudo hoje, adquirem mais força quando o próprio papel (em mais de um sentido) do jornalismo precisa se redefinir e encontrar novas bases materiais.

O Adiantado da Hora começa por criticar um certo antiamericanismo que dificultava – estamos falando aqui dos anos 80, mas essa resistência enviesada dificulta a atividade intelectual ainda hoje – o entendimento do que aproximava a imprensa brasileira da norte-americana. Flagra com olhar agudo o anacronismo das lentes mais conservadoras, como aquelas apoiadas sobre noções de

dependência. “Não se trata mais de imperialismo e colonização, como foi no passado em formas ostensivas ou disfarçadas”, escreve ele. “Trata-se de uma rede de conexões, interesses conflitantes de diferentes classes e frações de classes nas várias formações sociais, que constroem um cenário no qual os atores sociais se movem nas mais inesperadas direções, num enredo incapaz de ser previsto ou explicado pelas fórmulas tradicionais da análise sócio-política” (p. 50). Temos aqui um dos parágrafos cuja atualidade crítica perdura, indelével – o que, de outro lado, é uma pena, pois ainda hoje a visão do jornalismo norte-americano como se ele fosse um mero tentáculo do imperialismo mais sanguinário e impiedoso contamina o debate sobre imprensa em nosso país.

Nosso autor está atento ao que diferencia as duas culturas. Por vezes, anota isso com raro poder de síntese: “Os EUA são uma sociedade baseada no contrato; o Brasil, na solidariedade orgânica” (p. 55). Para o bem e, principalmente, para o mal, bem entendido. A partir dessa sensibilidade, ele vai explicando as idas e vindas da influência, o modo como as redações norte-americanas foram sendo ocupadas por funcionários práticos, sem lustro intelectual, numa formação bastante distinta daquela que se verificava na Inglaterra ainda no século XIX (p. 59). Quanto a isso, o próprio mercado sofreria com a má formação dos profissionais. A propósito, foi apenas no início do século XX que o magnata Joseph Pulitzer iniciaria sua campanha individual, bastante insistente, para que *Columbia* abrisse o seu curso para formação de jornalistas (curso que sempre funcionou em nível de pós-graduação). O curso foi criado em 1912, um ano após a morte do próprio Pulitzer, e se tornaria o mais prestigioso do mundo.²

Em sua recuperação histórica, *O Adiantado da Hora* traz informações saborosas, pouco difundidas e mais do que sintomáticas. Por exemplo: Hipólito da Costa, o fundador do primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense*, em 1808, esteve, dez anos antes, na cidade de Filadélfia para estudar atividades agrícolas. “Não se sabe até que ponto o seu contato com o jornalismo nos EUA o teria ajudado a decidir-se a deixar a agronomia e a passar a exercer a função de editor”, comenta Carlos Eduardo (p. 71). De todo modo, o criador do primeiro jornal brasileiro, de algum modo, fez também o seu estágio nos Estados Unidos. Outro caso curioso é o de Gilberto Freyre. Entre 1918 e 1922, Freyre esteve estudando na Universidade de Baylor (Texas) e também na Universidade de

2. Ver, a esse respeito, PULITZER, Joseph. **The School of Journalism**. Seattle: First Inking Books, 2006. Trata-se de uma edição histórica que recupera vários documentos da época, e que tem como centro um longo artigo, de 50 páginas, escrito por Pulitzer em 1904.

Columbia (Nova York). “De volta ao Brasil”, registra Carlos Eduardo, “acabou à frente do jornal *A Província*, do Recife, onde fez a primeira tentativa (fracassada) de introduzir no Brasil um manual de redação” (p. 74).

Gilberto Freyre retornaria aos Estados Unidos em 1926, agora representando *O Diário de Pernambuco*, para participar do Primeiro Congresso Pan-americano de Jornalistas, em Washington. Lá estiveram também Nestor Rangel Pestana, de *O Estado de S. Paulo*, e Edgar Leuenroth, que foi por sua própria conta. “Herbert Moses, de *O Globo*, um dos maiores entusiastas da realização, não pode tomar parte na sua efetivação, mas enviou um longo telegrama, lido em plenário, no qual propôs um ‘programa’ para o futuro, no qual o ponto principal era ‘a ampla liberdade de imprensa.’” (p. 76).

“Outro jornalista que levou conceitos adquiridos nos EUA para o jornalismo brasileiro foi Antonio Pimenta Neves, que em 1966, como bolsista do *World Press Institute*, fez um estágio no *Los Angeles Times* e depois foi para a equipe dirigente da *Folha de S. Paulo* e, mais tarde, para a *Folha da Tarde*. Pimenta Neves diz que a visão de como estruturar um jornal do ponto de vista administrativo foi a principal influência que recebeu de seu período no *Los Angeles Times*” (p. 84). Depois disso, Pimenta Neves ainda faria uma passagem por *O Estado de S. Paulo*.

Sem dúvida, foi no modo de organizar e gerir as redações e as empresas jornalísticas que a influência americana mais se fez sentir. Nesse ponto, embora o livro não trate desse aspecto em particular, a história da Editora Abril representa um caso notável. O dirigente máximo da Abril, Roberto Civita, formou-se nos Estados Unidos. Estudou Física Nuclear em Rice, no Texas, formou-se em jornalismo na Universidade da Pensilvânia e em economia pela *Wharton School*, da mesma universidade. Em seguida, trabalhou na *Time Inc.* Ao regressar ao Brasil cuidou dos projetos de *Realidade* e *Veja*, entre tantos outros. De *Time Inc* a Abril reproduziu o método Igreja/Estado de administração da empresa, que consiste em separar a área editorial (apelidada de “Igreja”) da área comercial, corporativa e financeira (o “Estado”). Com o mesmo método de gestão se firmaram as maiores casas jornalísticas do Brasil, do *Estadão à Folha*, do *Globo* ao *Zero Hora*. A filosofia de tentar, ao menos tentar, impedir que interesses comerciais contaminassem as redações foi uma constante, mesmo quando hesitante ou apenas “da boca para fora”, no crescimento nos ambientes jornalísticos que chegaram perto da excelência editorial – numa receita de governança aprendida diretamente com os norte-americanos.

O modo como encaramos a censura no Brasil também não escapou à análise de *O Adiantado da Hora*. Nos Estados Unidos, conta Carlos Eduardo, citando Aviam Soifder, que “a liberdade de imprensa é muito mais do que um conceito

legal, é quase um dogma religioso”. Isso porque “a liberdade de cada cidadão de se comunicar e de escolher entre diversas opiniões é quase o cerne do individualismo básico americano” (p. 92). Quanto à mentalidade pátria, o autor não esconde o desalento: “quase todos no Brasil querem censurar alguma coisa e pedem censura contra aquela coisa que lhes desagradam. Mas esses mesmos censores se dizem apaixonados defensores da liberdade de imprensa”. E cita exemplos constrangedores:

Ulysses Guimarães é um político que construiu sua carreira na oposição ao regime militar e que sempre discursou a favor da liberdade de imprensa, usando chavões calcados na experiência do modelo americano. Mas, quando se viu investido da autoridade de presidente da República, ainda que provisoriamente, não teve dúvida de mandar apreender cartazes da Central Única dos Trabalhadores por exporem uma opinião daquela entidade sobre alguns congressistas. Guimarães achou a opinião ofensiva e determinou a censura dos cartazes. Sob o silêncio aprovador de outras lideranças políticas que se dizem identificadas com o sistema americano de governo (p. 91).

Não que o autor de *O Adiantado da Hora* feche os olhos às investidas contra a liberdade que tiveram lugar na história norte-americana. Ele as menciona e mostra como o caminho nunca foi tranquilo ou isento de turbulências. Conta que, mesmo após a promulgação da Primeira Emenda (em 1791), que proibiu qualquer lei que arranhasse a liberdade de imprensa, muitos estados americanos, durante o século XIX, “instituíram legislação censória (em especial no sul do país)” (p. 94). “A partir de 1919, no entanto, a Suprema Corte passou a praticar a doutrina da liberdade de imprensa de forma consistente, fazendo com que ela fosse cumprida em todo o país, dentro de uma interpretação bastante ampla.”

Estamos aqui num dos capítulos mais fecundos de *O Adiantado da Hora*, o capítulo que leva o título de *Liberdade e Objetividade*. Numa breve, mas densa recapitulação da genealogia do valor da liberdade nos Estados Unidos e no Brasil, o livro nos proporciona uma preciosa aula, durante a qual o autor, sempre listando casos reais, não poupa seus conterrâneos de críticas ácidas.

As ‘senhoras de Santana’ e a Igreja Católica, os professores da USP e a UDR, todos se igualam nesse sentimento comum de que a liberdade de imprensa só deve existir enquanto servir ao Bem Comum. A constatação de que o Bem Comum seja o nome que cada segmento dá aos seus próprios interesses é mero detalhe (p. 98).

A preocupação do autor com o tema da censura tem ares, hoje, de uma abordagem quase premonitória. De fato, dos anos 80 para cá, deu-se, nos Estados Unidos e principalmente na Inglaterra, tida por muitos como o berço da liberdade de imprensa, um agravamento do debate. Agora mesmo, a difícil discussão em torno das propostas do Relatório Leveson, em Londres, testam os limites da liberdade e da independência dos jornais em relação ao Estado. São tempos áspers. Pois, já no final da década de 80, quando empreendeu sua pesquisa, Carlos Eduardo anotava algo que, especialmente hoje, não podemos perder de vista.

Na Grã-Bretanha, o conceito de que a censura se justifica contra a atuação sediciosa antigovernamental faz parte da tradição jurídica. A noção de 'liberdade de expressão' (*freedom of speech*) sempre teve muito mais a ver com o direito de os membros do Parlamento exporem suas ideias sem restrições no exercício de sua atividade legislativa do que com o direito civil universal como se celebrizou nos EUA. (p. 133)

Também por isso, o livro ainda vale a pena. Ele nos ajuda a entender os enraizamentos diversos do valor da liberdade: na Grã-Bretanha, ela tem raízes na atividade dos parlamentares, que precisam de liberdade para funcionar devidamente; nos Estados Unidos, essas raízes são mais profundas no individualismo, alcançando todos os cidadãos. São sutilezas, por certo, mas que dão um colorido mais amplo e uma envergadura maior à pesquisa de Carlos Eduardo.

E no Brasil?

A pergunta permanece em aberto. Ao final de seu livro, o autor indaga a si próprio sobre o sentido da influência norte-americana nas nossas redações. Ela foi boa ou foi ruim? Dada a nossa prática, heterodoxa, para dizer o mínimo, esta também é uma pergunta que permanece em aberto. Hoje, como há 20 anos.